



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE  
CURSO DE PSICOLOGIA

Laura Ramos dos Santos

**A perspectiva infantil da morte a partir de um referencial de classe: uma comparação**

SÃO PAULO

2022

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE  
CURSO DE PSICOLOGIA

Laura Ramos dos Santos

**A perspectiva infantil da morte a partir de um referencial de classe: uma comparação**

Trabalho realizado como exigência da disciplina Trabalho de Conclusão de Curso, do curso de Psicologia da Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, orientado pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Marilda Pierro de Oliveira Ribeiro.

SÃO PAULO

2022

## **AGRADECIMENTOS**

À universidade, por me proporcionar um espaço de investigação, de submersão em domínios que antes eu desconhecia;

às professoras e aos professores que participaram da minha educação e me dedicaram seu tempo, me doaram um pedaço de sua formação e compartilharam comigo seus dias, mesmo perante às dificuldades do ensino à distância;

à minha orientadora Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Marilda Ribeiro, pelo compromisso, dedicação, disponibilidade, atenção e carinho, me guiando com paciência por um caminho que me foi muito tortuoso;

à minha parecerista Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Graça Gonçalves, e minha professora em diversos momentos da graduação, que também forneceu os meios para que essa pesquisa sequer viesse a existir;

aos meus colegas de curso, os que ainda vejo pelos corredores e os que agora pouco vejo, e com quem compartilho memórias inesquecíveis;

às minhas amigas e aos meus amigos, sem os quais não teria o que contar, não saberia por onde começar;

à minha família, o coração, o útero, as mãos, o sangue e o suor que me permitiram e me permitem todos os dias existir;

às crianças que participaram dessa pesquisa, aquelas que conheci no meio do caminho, aquelas que nunca chegarei a conhecer, e que me inspiram a pelo menos sonhar com um futuro melhor,

meu sincero e terno obrigada.

“A perspectiva infantil da morte a partir de um referencial de classe: uma comparação”

Área: 7.07.05.00-3 – Psicologia Social

Grande Área: 7.07.00.00-1 – Psicologia

Orientanda: Laura Ramos dos Santos

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Marilda Pierro de Oliveira Ribeiro

## **RESUMO**

A presente pesquisa traz como questão norteadora a diferença de perspectivas acerca da morte entre crianças de classes alta e baixa na sociedade brasileira, em específico na cidade de São Paulo, com o objetivo de averiguar que aspectos materiais podem influenciar suas visões. A perspectiva teórica que embasa a pesquisa é a da psicologia sócio-histórica, a partir da qual entende-se o desenvolvimento humano como um processo de construção social e histórica, para além das determinações biológicas. As principais fontes de embasamento foram os estudos de Vigotski, além de pesquisas já realizadas com crianças sobre o assunto e dados estatísticos. O método utilizado para a coleta de dados foi a entrevista semiestruturada com crianças entre 7 e 9 anos e 11 meses, utilizando como instrumento a contação de história e a entrevista semiestruturada. Os resultados observados apontaram para similaridades no aspecto cognitivo da compreensão da morte, mas diferenças no aspecto social e no entendimento dos determinantes do fenômeno.

**Palavras-chave:** infância, perspectiva infantil, morte, desigualdade, psicologia social.

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	6
2. MÉTODO.....	16
3. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	20
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	28
5. REFERÊNCIAS.....	30
6. ANEXOS.....	34

## 1. INTRODUÇÃO

A perspectiva infantil é investigada extensivamente em diversos campos do saber, incluindo a psicologia. Alguns exemplos de autores que se debruçaram sobre essa temática são Piaget, que produziu estudos compreensivos sobre os estágios do pensamento infantil, e este também foi abordado por Vigotski em diálogo com o ambiente sócio-cultural. Na psicologia histórico-cultural, Elkonin (1987) e Leontiev (2001) podem ser citados ao discutirem a dialética do desenvolvimento infantil. Também Freud, quando propõe o Complexo de Édipo, o faz através das relações das crianças com suas figuras primárias de cuidado.

Portanto, ao nos indagarmos sobre a perspectiva infantil de um fenômeno natural, universal e que é atravessado por diversas dimensões, como é a morte, não nos distanciamos daquilo que a psicologia se propõe a fazer. Pelo contrário, abrimos espaço para mais um viés de análise através da articulação muito já feita pelos autores citados e seus estudiosos entre o desenvolvimento da criança e seu meio. Assim, a perspectiva infantil da morte é o tema que será desenvolvido, a partir de um referencial de classe social, com o objetivo de entender a perspectiva das crianças acerca da morte e averiguar se suas respostas às perguntas direcionadoras serão distintas de acordo com seus contextos socioeconômicos e culturais.

Na tentativa de atender ao problema de pesquisa, algumas questões se colocam. Em primeiro lugar, o que de fato está implicado no termo “perspectiva”, usado livremente ao longo da pesquisa. A perspectiva aqui é entendida como componente subjetivo de entendimento da realidade, a partir da relação do homem com o mundo à sua volta. Essa utilização é sustentada pela afirmação de Vigotski de que os processos mentais superiores dos seres humanos (que os diferenciam de outros animais) são profundamente influenciados pelos meios sócio-culturais em que estão inseridos (Wertsch apud Fávero, 1985). Tal afirmação faz jus à mediação semiótica, que postula que a interação homem-ambiente (incluindo seu meio social) é possibilitada pelo uso de instrumentos e signos e seus respectivos significados instituídos pela comunidade. Ou seja, distancia a perspectiva de uma visão puramente ligada ao objeto, aprofundando-se no sujeito e no caráter dialético dele com o mundo e a história da humanidade.

Essa colocação também influencia o entendimento da linguagem como intermédio do pensamento infantil em construção com o mundo. Em “Concepção de morte na infância”, de Aline Sberse Sengik e Flávia Brocchetto Ramos (2013), Bakhtin (2006, 2000) é citado para explicar como a interação social rege o processo de construção da linguagem, e a língua por sua vez é um sistema mutável que adquire sentido no contexto em que é empregada. Nesse sentido, na palavra enunciada está sempre contida uma ideologia e um sentido que serão construídos ao longo da vida por meio das experiências. Sendo a infância o primeiro contato com o mundo, intermediado pelo adulto, é através da linguagem – e da possibilidade dela – que a criança concebe o termo “morte” e por isso explorar os sentimentos e pensamentos dela acerca de uma perda, por exemplo, se mostra tão crucial.

Para explicar, Sengik e Ramos (2013) analisam a fala de quatro crianças entre três e quatro anos de idade e que passaram por perda significativa de algum familiar. Elas foram encaminhadas por creches e/ou escolas municipais atendidas pelo setor de psicologia no período de 2008 a 2011 no Rio Grande do Sul. O objetivo era analisar por meio da expressão verbal como a morte é processada pelos sujeitos. A análise do material é feita pela articulação com os estágios do desenvolvimento sugeridos por autores referidos, como Piaget (1990).

Os resultados de Sengik e Ramos (2013) demonstram marcas julgadas típicas do pensamento infantil, como a noção de reversibilidade ainda presente no imaginário nessa idade. Observam-se os efeitos da expectativa que se retroalimenta à medida que a criança não obtém respostas, como no caso da primeira criança descrita, que pergunta diversas vezes se o avô que morreu irá voltar e mostra ansiedade e agressividade no comportamento, a despeito de não verbalizar o assunto quando a psicóloga conta que o avô de fato morreu. Fica nítido no comportamento dessa criança como o faz de conta e o brincar representam um espaço de projeção das próprias questões sobre os objetos para então internalizá-las (novamente pela presença de um outro) – ou seja, por meio da interação, a criança pode entender o que aconteceu e o que está sentindo.

Isso também é ilustrado pela revisão de literatura de Anton e Fávero (2011), que traz uma revisão de publicações produzidas entre 1996 e 2011 (dezesseis anos anteriores à data da publicação) fazendo uma investigação da morte (de outras pessoas – nesse caso, dos progenitores) pela perspectiva das crianças que vivem a experiência de luto.

Os principais resultados encontrados foram o entendimento de crianças pequenas (menores de cinco anos) da morte como algo reversível, semelhante ao sono e à separação, sem a noção de causa e efeito (Gauderer, 1987), bem como a importância da participação mais plena possível no processo de reconhecimento da nova realidade a partir da perda, e o quanto o ocultamento de informações e/ou silenciamento do sofrimento por parte da criança impedem a obtenção de devido suporte social e dificultam a elaboração da perda. Fala-se muito em culpa – por não poder ter evitado a morte do progenitor, ou pela percepção do acontecimento como uma consequência dos próprios pensamentos destrutivos ou dos próprios sentimentos negativos.

Outro fator que chama atenção no estudo é a importância dos rituais e símbolos culturais presentes na despedida como forma de alívio da dor através do seu compartilhamento. Pode-se supor que devido à possibilidade de entendimento do evento pela sua simbolização, a morte ganha um sentido que pode ser introduzido ao repertório da criança, mesmo que seja carregada de conceitos novos para ela, tais como a irreversibilidade e a imprevisibilidade da morte, por exemplo. Essa parece ser uma observação de grande profundidade – e que não ganha tanto espaço no presente artigo – por dialogar com as questões étnicas e de pertencimento cultural do sujeito. As crenças e os rituais envolvidos na separação do ente perdido revelam ambas a representação simbólica da morte para a criança, a partir do ambiente em que está, e a (re)introdução da experiência na vida infantil.

Assim sendo, falar com a criança em luto sobre morte é uma peça fundamental para que ela processe a perda da forma mais saudável possível, e envolvê-la a partir de seu referencial é intrínseco a esse processo na tentativa de compreendê-la. Essa temática da abertura do assunto à criança é trazida à luz com ênfase no artigo de Sengik e Ramos (2013), reiterando que poder falar sobre as perdas possibilita o tratamento do evento da morte pelos adultos ao redor da criança de forma que a naturalize, ou que pelo menos minimize seu impacto consideravelmente. Isso porque a escolha pelo silêncio por parte do adulto não permite os sentimentos e questionamentos que surgem espontaneamente na criança diante da morte.

A partir disso, pode-se ponderar o impacto do não reconhecimento da morte pela sociedade — ou pior, a fomentação de uma narrativa que contraria o que a criança vê e experiencia. Para exemplificar, as ações policiais que se dão em maior parte nas favelas — como recentemente no Jacarezinho, comunidade no Rio de Janeiro — vêm acompanhadas de uma justificativa de se estar combatendo o tráfico, mesmo que os mortos sejam pessoas que não possuem qualquer relação com as atividades ilegais declaradas pela polícia e pela mídia. É preciso se perguntar de que forma são afetadas as crianças expostas a essa dissonância entre o que é dito pelas autoridades e o que é dito pelos familiares e vizinhos (e em alguns casos, visto por elas próprias). Como essas condições do meio conversam com as noções de reversibilidade, causa e efeito, tidas como próprias de sua fase? Qual o impacto disso no processo da dor da perda?

Nessa mesma lógica, o artigo de Silva et al. (2020) resgata as características marcantes do pensamento infantil em desenvolvimento para investigar a visão de morte de crianças entre três e seis anos, mas admite que a noção de um processo linear sugerida pela perspectiva puramente desenvolvimental não corresponde à realidade. Outros fatores, sendo emocionais, sociais, familiares e culturais especificamente citados, são também decisivos. Apesar de se proporem a explorar a “preparação” da criança para lidar com a morte através de uma explicação que integra cognição e afetividade, e não uma comparação paralela à pesquisa presente, o que chamou atenção foi o método empregado.

Primeiramente, o estudo afirma que foram entrevistadas crianças dentro da faixa etária mencionada, a qual os autores consideram expressiva quanto ao desenvolvimento da compreensão de fenômenos biológicos, afirmando também que estudos recentes demonstraram que o entendimento da morte por parte das crianças dessa idade era maior do que se pensava. As entrevistas foram conduzidas na cidade do Porto, em Portugal, com crianças provenientes de famílias de classe média, de duas escolas, pública e privada, escolhidas aleatoriamente dentro das respectivas categorias. O contato foi feito através da direção das próprias escolas, com autorização dos pais, e cada entrevista foi realizada individualmente, com duração de cerca de uma hora.

O instrumento usado foi um livro de ilustrações, que buscava se aproximar das experiências do dia a dia de cada criança por meio de cenários hipotéticos, mas realistas. Um

dos desenhos apresentados era o de uma criança – João ou Ana (nomes comuns na sociedade portuguesa) – e, em seguida, era apresentado o cenário hipotético da morte de um tio ou uma tia. O desenho da criança buscava se assemelhar à criança entrevistada em idade e sexo, portanto foram preparadas versões variadas. A partir disso, o entrevistador colocava questões para avaliar dimensões cognitivas e emocionais da compreensão da morte: as primeiras definidas a partir de noções de irreversibilidade, não funcionalidade, universalidade e causalidade, e as segundas relacionadas a sentimentos como raiva, tristeza e medo e outras emoções que poderiam surgir em face da morte de uma pessoa. Dessa maneira, o objeto de estudo não era somente o desenvolvimento cognitivo dos sujeitos, mas também a realidade psíquica e emocional experienciada ao redor do tema.

Essas determinações encontram respaldo na perspectiva de Vigotski (1995), cuja linha de pensamento rejeitava a suposição do funcionamento psíquico e a concepção de mundo das crianças como um fenômeno universal. Muitas das abordagens da psicologia vigentes em sua época não procuravam legitimar o meio social e cultural que circunscrevem as funções psíquicas. O resultado é uma produção de conhecimento que toma sujeitos-modelo como sujeitos universais, sendo que o desenvolvimento individual varia tanto quanto a base social e cultural do indivíduo, já que, de acordo com Vigotski (1978), os signos produzidos culturalmente são responsáveis por transformações comportamentais.

Na psicologia sócio-histórica, essa noção é explicada pela dimensão subjetiva da realidade, que assume que as experiências concretas dos sujeitos e suas produções subjetivas articulam-se em uma relação dialética, de modo que a subjetividade é construída a partir da materialidade, e esta, por sua vez, é constituída pela articulação das produções subjetivas individuais às produções coletivas e sociais, por meio das relações (Gonçalves, Brambilla, 2020). Portanto, a perspectiva infantil de qualquer fenômeno é atravessada, e essencialmente constituída, por meio daquilo que faz parte do universo simbólico de cada criança, que se formula no percurso de sua vida, mediado pelos vínculos.

Em vista disso, nos encaminhamos para a segunda questão que antecede o problema de pesquisa: por que a convicção de antemão de que existiria uma diferença na perspectiva de crianças de classes sociais distintas no Brasil, significativa a ponto de justificar o estudo?

O Brasil é marcado historicamente pela desigualdade social, expressa em dados estatísticos desde o acesso aos serviços de natalidade até as taxas de mortalidade. Estas últimas são de nosso maior interesse no momento, e podem ser exploradas de diversos ângulos. A tábua completa de mortalidade no Brasil do IBGE de 2019 apresenta índices comparativos e dados brutos da mortalidade na população. Uma das informações é a comparação da probabilidade de um recém nascido não completar um ano de vida por estados da federação, constatando que estados mais ricos e com maiores índices de desenvolvimento humano (IDH) apresentam taxas muito menores do que estados mais pobres e de condições de vida mais precárias – Espírito Santo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e São Paulo com taxas entre 7,8% e 9% de chance, e Amazonas, Piauí, Maranhão, Rondônia e Amapá variando entre 16,7% e 22,6%.

O documento menciona ações do Estado promovidas a fim de reduzir a mortalidade infantil como campanhas de vacinação em massa, atenção ao pré-natal, aleitamento materno, agentes comunitários de saúde, programas de nutrição infantil, entre outros, além de fatores mais gerais como o aumento da renda, aumento da escolaridade, aumento na proporção de domicílios com saneamento adequado etc, responsáveis pelo aumento da expectativa de vida no país como um todo. Tais dados permitem afirmar que quanto maior a qualidade de vida promovida à população – acesso à educação, saúde, alimentação, saneamento básico, moradia – menos mortes, fato que além de sublinhar a urgência de atenção às populações carentes, coloca em pauta a realidade da privação de direitos básicos.

Dados complementares produzidos pelo Atlas da violência, conduzido em 2018 pelo Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) e pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública, apontam outra dimensão da mortalidade no Brasil: em termos de violência letal, em 2016 a taxa de homicídios de negros foi duas vezes e meia superior à de não negros (16,0 por 100.000 habitantes contra 40,2). Além disso, a pesquisa registrou que entre 2006 e 2016, a taxa de homicídios de negros cresceu 23,1%, enquanto no mesmo período, a taxa entre os não negros teve uma redução de 6,8% (EL PAÍS, 2018).

As informações trazidas pelo Atlas da violência também revelam a relevância do aspecto racial na mortalidade no Brasil, de maneira que é possível admitir que crianças negras têm uma probabilidade maior de experienciar a morte ou o luto por pessoas conhecidas do que

crianças não negras. Esse é mais um aspecto que se ausenta quando se discute morte e luto infantil, mas que certamente produz sofrimentos específicos a essa população. E concomitante ao racismo institucional, a violência de gênero, homofobia, transfobia e o capacitismo se somam ao elitismo à medida em que se agravam quando experienciadas pela população de baixa renda.

Ao considerar a marcação social do sujeito como fator determinante de noções e atividades antes naturalizadas, outras pesquisas têm sido produzidas no campo da infância a partir de uma comparação de classe social. Andres, Bento e Ribeiro (2021) exploram evidências da desigualdade social no brincar de crianças brasileiras a partir da concepção vigotskiana do brincar e da historicização do fenômeno da desigualdade. Através de uma entrevista com pares de mães e seus filhos, os resultados demonstram que o brincar, entendido como uma atividade típica da infância e que cumpre uma função socializadora, de desenvolvimento cognitivo e motor, é também perpassado pelas condições de infraestrutura, variedade de acesso a bens, espaços apropriados, à cultura e ao lazer, as situações favoráveis ao brincar, entre outros determinantes.

Esse resultado é corroborado pela pesquisa de campo de Arenhart e da Silva (2014), na qual se procura desvelar a condição paradoxal da infância, isto é, o projeto humanizador moderno de proteção dos direitos das crianças, compreendendo a infância como um período introdutório à vida, à cultura e à sociedade, e por outro lado a vulnerabilidade das crianças durante esse mesmo período, constantemente analisadas sob um olhar adultocêntrico. Nesse sentido, a desigualdade é marcada desde o princípio, fazendo-se presente tanto na diluição do mundo adulto nos conteúdos consumidos pelas crianças de baixa renda, nas tarefas domésticas e introdução precoce ao mundo do trabalho, quanto na institucionalização da infância das crianças de alta renda, para as quais o brincar está comumente associado a atividades extracurriculares.

Em outra pesquisa, realizada por Silva (2015), os sentidos e significados da infância é que são tomados como objeto de investigação sob os parâmetros sociais de comparação. As duas crianças entrevistadas foram convidadas a contar sobre suas rotinas, cuidadores, atividades cotidianas, direitos e deveres, além dos espaços frequentados, experiências escolares, vínculos e afetos. As respostas foram distribuídas por eixos temáticos de análise

buscando abarcar aspectos diversos do que constitui a infância enquanto período vivido, construção social e histórica e processo de socialização. O que se encontrou foi que o ser criança está relacionado aos papéis sociais destinados a cada criança a partir do ambiente em que crescem e das condições de vida que as precedem e as atendem no presente. Dado que apenas uma concepção é validada como modelo natural de infância – aquela que corresponde à infância das camadas mais ricas da sociedade –, a autora defende que a desigualdade é ocultada pelos ideais que são construídos sobre as vivências das crianças. O olhar adultocentrado subjuga a infância a um posição de espera pelo futuro, como se, em si, não fosse um período de potência, e acoberta a existências de infâncias plurais, produtos de seus tempos históricos e determinações sociais.

Assim, as pesquisas acadêmicas vêm identificando de antemão à presente pesquisa que os fatores sociais relacionados à renda e à qualidade de vida se estendem naquilo que as pessoas têm como naturalizado, ou meramente oriundo de processos internos.

Por fim, resgato a pesquisa realizada com as famílias de adolescentes vítimas de assassinato no Ceará no ano de 2015, com objetivo de analisar as implicações da pobreza na segurança e no acesso institucional dessas pessoas. Os adolescentes eram em maioria homens (97,7%) negros (70,3%) com idades entre 11 e 19 anos, e com renda familiar de um a dois salários mínimos (64,1%). O estado do Ceará foi escolhido por apresentar em 2014 o maior Índice de Homicídio na Adolescência (IHA) entre os estados brasileiros, e em 2017 um aumento de quase 59% no número de homicídios em relação ao ano anterior. Segundo os autores, os números revelam uma realidade preocupante, mas não o cruzamento entre esta e a desigualdade a que os adolescentes e seus familiares estão submetidos.

Os resultados foram obtidos do cruzamento entre um questionário desenvolvido pelo Comitê Cearense pela Prevenção de Homicídios na Adolescência (CCPHA), vinculado à Assembleia Legislativa do Estado do Ceará, compreendendo questões de aspectos individuais, familiares, comunitários e institucionais, e um Índice de Pobreza Multidimensional (IPM) construído pelos pesquisadores (variando de 0 a 1, onde, quanto mais próximo de 1 maior é a situação de privação). O índice faz a mensuração da pobreza a partir de gradações. A ferramenta de análises comparativas foi a separação de grupos de acordo com a pobreza mensurada pelo IPM e análise descritiva de frequência das respostas relacionadas à segurança

territorial e institucional. Também se fez uso de testes qui-quadrados (para comparação entre os grupos quanto aos fatores que representam perigo no bairro, à confiança nas instituições e ao acesso a instituições após a morte do adolescente) e uma ANOVA (para comparar a percepção da presença policial como fator de segurança no bairro para os grupos com maior e menor IPM).

Verifica-se que a experiência de confiança e desconfiança no ambiente (incluindo a vizinhança) e em veículos de comunicação (rádio e televisão), na justiça e na polícia varia entre grupos menos e mais pobres, como apontado nos resultados. A polícia em particular é a instituição em que se tem menos confiança na comparação entre os grupos mais e menos pobres. Os autores afirmam: “São os sujeitos em maior situação de pobreza, e, portanto, o grupo que mais precisa acessá-las, que menos confiam nas instituições públicas.” (p. 5).

O abandono efetivo das crianças e adolescentes e seus familiares por parte do Estado nas regiões periféricas através da precarização induzida e maximizada das condições de vida, bem como o escasso exercício da cidadania conduzido pela falta de confiança nas instituições são dispositivos da atuação da necropolítica brasileira – isto é, como definido por Mbembe (2016):

*(...) A tecnologia de poder que opera pela aniquilação do inimigo e denomina de colônia uma espécie de zona de morte onde se exerce um poder à margem da lei e na qual guerra e paz não se distinguem. (Barros et al., 2020, p. 6).*

Desse modo, essa prática do Estado se dirige às populações marginalizadas e constitui uma lógica que “justifica” o policiamento truculento e a suposta contenção dos sujeitos “potencialmente perigosos”, através da racialização, da construção de símbolos sobre os corpos, que os definem como “vivíveis ou matáveis”, entre outras ferramentas.

A pesquisa mencionada é de suma importância, não para apontar explicitamente a relação das crianças com as instituições, mas a de suas comunidades, responsáveis em grande parte pela composição de suas percepções dos agentes de responsabilidade pelos homicídios em seus territórios. Além disso, evidencia o quanto a morte, para algumas populações, está diretamente ligada a situações ausentes para outras, como a violência policial, o enfrentamento armado no território, o processo de desumanização, o acesso (ou a falta dele)

às instituições, entre outros. O artigo traz diversas reflexões a partir dos dados obtidos e da articulação teórica que podem ser investigados no problema de pesquisa.

Portanto, a relação entre morte e meio social não se perde em nenhum momento, e o luto e o reconhecimento da morte são tão atravessados pela pobreza quanto qualquer outro aspecto da experiência das crianças evidenciados pelas pesquisas aqui especificadas. Em vista disso, a presente pesquisa é sobre a perspectiva infantil da morte a partir de um referencial de classe social, sugerindo uma comparação entre as perspectivas de crianças de classes alta e baixa. É uma proposta de repensar as linguagens que aplicamos na atuação nesses territórios marginalizados e essencialmente alvejados pelo Estado.

É urgente que a psicologia reconheça e se aprofunde nas condições materiais que interferem na formação dos sujeitos, para que se faça uma psicologia anticolonial, anti-imperialista e compromissada com o enfrentamento das opressões da sociedade à qual está à serviço - isso inclui as questões mais sensíveis, e inclui as crianças.

Perante esses pontos, acredito que a realização da pesquisa concilia o olhar crítico exigido pelos atravessamentos da morte no país e a magnitude terapêutica da não universalização dos efeitos produzidos pelo confronto da morte e pelo luto, principalmente quando colocado em prática em quaisquer campos de atuação com crianças efetivamente.

## 2. MÉTODO

O método pensado para a obtenção de dados foi a entrevista semiestruturada com seis participantes entre 7 e 9 anos e 11 meses, de quaisquer gêneros. A faixa de idade foi escolhida por compreender, em geral, crianças já capacitadas a se comunicar verbalmente e reconhecidas como crianças pelo Estatuto da Criança e do Adolescente brasileiro, mas numa faixa de idade restrita, que não exija preparação diferenciada. É importante salientar que foram buscadas crianças que não tivessem passado por perdas recentes e/ou que não estivessem em processo de luto.

Os participantes deveriam residir em São Paulo, e foram captados em dois grupos: alta renda (a partir de quinze salários mínimos de 2021) e baixa renda (até quatro salários mínimos de 2021), como definidos pelo IBGE. O contato foi realizado através de convite aos pais ou responsáveis por telefone ou mensagens de texto. O contato com as crianças foi presencial, mas a depender das circunstâncias, poderia ser realizado por meio de plataformas como o Google Meets, Microsoft Teams ou ligação do WhatsApp, conforme combinado com os pais ou responsáveis. As crianças foram localizadas através de indicação de amigos, familiares e colegas de classe da pesquisadora.

Anterior à aplicação com os sujeitos, a pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética e aprovada.

O termo de consentimento (Anexo 1) a ser lido com a criança e um termo de assentimento (Anexo 1) a ser preenchido pelos pais/responsáveis foram elaborados de forma a atender as especificidades dos participantes – crianças de faixa etária seleta, que não tenham passado por processo de luto recente à pesquisa. Anterior à entrevista, os pais ou responsáveis foram convidados a preencher o termo e responder a uma entrevista de contexto socioeconômico (apresentada no Anexo 2), a fim de coletar dados referentes à classe social de cada participante, analisando-os em paralelo com as respostas. As questões giram em torno da renda familiar mensal, situação e bairro de moradia, escolaridade e profissão dos pais, tipo de escola da criança e crença familiar (esta última servindo para auxiliar na conclusão da entrevista com a criança). Ao longo de toda essa etapa, os pais/responsáveis puderam tirar dúvidas e se informar a respeito da pesquisa e quaisquer perguntas feitas à criança.

Após a resposta ao questionário, a entrevista semiestruturada ocorreu apenas com a criança, para que os adultos ou a presença deles não interferissem nas respostas – informação que também está no termo de assentimento. A entrevista foi pensada de forma semiestruturada para que houvesse temas que norteassem a conversa, mas os relatos da criança foram muito importantes para dar direcionamento. O local de entrevista, que pôde ser presencial em todos os casos, foi acordado com os pais ou responsáveis, e a duração deveria atender a necessidade e os limites de cada criança.

De início, a pesquisadora buscou estabelecer um *rapport* com a criança, no intuito de deixá-la mais à vontade para iniciar a atividade, conversando sobre seu dia a dia, o que ela gostava de fazer e perguntando sobre assuntos que ela demonstrasse interesse. Para estabelecer um contato menos formalizado, de modo a deixar a criança o mais confortável possível, a linguagem utilizada na entrevista era próxima à do seu cotidiano. Com esse mesmo intuito, era necessário que a criança não se sentisse coagida, por qualquer razão, a responder alguma questão e tivesse liberdade para terminar a entrevista. Para tanto, ela foi informada do intuito da pesquisa e instruída a responder como quisesse e pudesse, podendo se recusar a participar em qualquer momento. Tendo o *rapport* estabelecido, a entrevistadora apresentou a pesquisa, perguntando se a criança estava de acordo e se desejava participar.

O método envolveu a contação de uma história que deveria ser completada pela criança. Tal metodologia partiu da pesquisa realizada em Porto, Portugal, por Silva et al (2020), e foi adaptada para os fins desejados na presente pesquisa, de modo que as perguntas que buscavam investigar o entendimento conceitual da morte a partir de marcos importantes do desenvolvimento foram substituídas para compreender o contexto social da criança entrevistada.

De forma semelhante ao artigo de Silva et al (2020), o personagem da história foi escolhido de acordo com o gênero da criança. Os nomes, por outro lado, foram modificados numa tentativa de se aproximar do universo de contos de fadas e histórias infantis da cultura brasileira, como a história largamente conhecida de João e Maria.

A entrevistadora iniciou com a seguinte história proposta:

*“Era uma vez um menino/uma menina chamado(a) João/Maria. Ele(a) gostava de brincar no parque, ler e [atividade que a criança gosta]. Seu brinquedo preferido era [brinquedo que a criança gosta]. Ele(a) tinha muitos amigos, que viviam perto do parque e traziam seus cachorros para passear. Muitos adultos da família o/a levavam para brincar no parque com os amigos, e um deles era o seu tio. João/Maria gostava muito desse tio. Ele tinha um bigode longo e usava gravata borboleta. Eles saíam para passear e brincavam juntos. O tio sabia imitar todos os animais e João/Maria caía na gargalhada. Um dia, João/Maria ficou sabendo por sua mãe que o tio havia morrido.”*

Ao longo da história, interjeições e perguntas da criança eram bem vindas e respondidas de forma lúdica. A partir desse ponto, a pesquisadora pediu para a criança ajudá-la a continuar a história, guiando-se pelas seguintes questões: como será que o tio morreu? Onde ele morreu? Que coisas podem fazer com que os tios morram? Alguém tentou salvar o tio? Todos os tios têm que morrer? Existem alguns tios que podem viver para sempre? Para morrer, o tio tinha que ser muito velho? Tinha que estar doente? Como o João/a Maria se sentiu quando soube que o tio morreu? O João/a Maria contou para alguém sobre a morte do tio? O João/a Maria conhece outras crianças que perderam um tio ou algum outro familiar? O que você diria para o João/a Maria?

As perguntas sugeridas não serviram o propósito de limitar o relato da criança, mas de nortear a conversa para possibilitar a investigação de aspectos como o significado que a morte adquire para aquela criança, a forma como ela enxerga as perdas ao seu redor, a frequência com que elas ocorrem, como ela vê a rede de apoio ao seu redor e em quem confia.

É importante apontar que a primeira e a última seções do livro de ilustrações da pesquisa em Portugal incluíam questões sobre processos da vida, a fim de amenizar o impacto dos conteúdos discutidos. Também pensando nesse aspecto, o método delineado para a presente pesquisa procura iniciar e terminar oferecendo um espaço mais descontraído e de acolhimento.

Nesse sentido, após a construção da história, a entrevistadora procurou finalizá-la com um final feliz junto à criança, de modo que o encontro não terminasse com o tema morte. Além disso, com base nos dados oferecidos na entrevista inicial com os pais/responsáveis, a

pesquisadora poderia se utilizar de elementos oriundos da crença religiosa da família para oferecer acolhimento à criança.

O final da história proposto foi o seguinte:

*“A mamãe de João/Maria sentou com ele(a) para conversar e explicou que, agora que o tio havia morrido, não poderiam mais vê-lo, mas ele iria permanecer sempre nas suas memórias. Ela disse que a morte é uma parte natural da vida, mas não significa que o tio não vai permanecer vivo no coração de João/Maria. Ele(a) ficou muito feliz de saber que ainda poderia lembrar dos momentos bons com o tio. Logo, seus amigos chegaram para chamá-lo(a) para brincar e ele(a) foi correndo com eles. Chegando lá, todos brincaram a tarde toda e João/Maria se sentiu muito feliz e amado(a). E assim, viveram felizes para sempre!”*

Ao fim, a pesquisadora procurou ouvir da criança suas impressões sobre a história, que fariam parte do material recolhido, caso parecessem pertinentes ao tema, e finalizou trazendo outros assuntos paralelos a fim de amenizar a conversa.

Os encontros foram gravados, com autorização expressa dos pais ou responsáveis e comunicada à criança. As entrevistas foram transcritas na íntegra (anexos 3 e 4) e após a etapa de coleta se seguiu a análise de dados. As respostas foram, então, analisadas tendo em vista as informações colhidas nos respectivos questionários socioeconômicos, com a construção de eixos temáticos de acordo com o conteúdo provido pela fala das crianças.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A despeito da amostra proposta no método, as dificuldades logísticas e de tempo tornaram impossível entrevistar seis crianças como havia sido planejado. Assim, duas crianças – cada uma pertencente a um grupo de renda–, foram contatadas e entrevistadas, tendo as conversas sido gravadas e transcritas (em anexo). Uma terceira criança do grupo de baixa renda também realizou uma entrevista, mas as condições tornaram a entrevista curta em duração, visto que a criança havia sido interrompida em uma atividade de lazer para a qual desejava voltar. Por esse motivo, apenas duas das entrevistas foram selecionadas e analisadas.

A primeira criança entrevistada foi P., de 7 anos, branca, do sexo feminino, moradora do bairro Vila Leopoldina, em São Paulo, num apartamento de doze cômodos. De acordo com os dados recolhidos no questionário socioeconômico, ambos os seus pais possuem escolaridade nível superior com especialização e trabalham na área de comércio/serviços. A renda familiar mensal está acima de 15 salários mínimos (R\$16.500, referente ao ano da formulação do método). Além disso, a criança estuda em uma escola de ensino privado. Na data marcada da entrevista, a criança estava em casa com a babá e a irmã mais nova. A entrevista teve duração de cerca de 20 minutos. Para ela, a personagem Maria foi utilizada e as atividades de interesse foram a aula de artes e um unicórnio de pelúcia como brinquedo, coincidindo com as informações dadas pela criança no *rapport*.

A segunda criança é R., de 8 anos, preto, do sexo masculino, morador da favela do Heliópolis, no bairro do Sacomã. Ele mora com outras três pessoas numa casa de três cômodos, e seus pais possuem escolaridade nível superior. A renda familiar mensal é de até 1 salário mínimo (R\$1.100,00, referente ao ano da formulação do método). A entrevista teve cerca de 20 minutos de duração e foi realizada no Centro para Crianças e Adolescentes (CCA) de Heliópolis, que fica perto de sua casa, onde ele havia acabado de participar de uma atividade de lazer no contraturno escolar. Para ele, o personagem utilizado foi João, tendo como interesse dragões e futebol, dadas as informações contadas pela criança.

É importante salientar que, no caso de R., a entrevistadora não teve contato direto com sua mãe, tendo ele levado até sua casa e trazido ao CCA os documentos assinados. Portanto, somente durante a criação da história é que a entrevistadora teve conhecimento de que R.

havia perdido um tio – já há algum tempo, de acordo com a própria criança (sem especificar exatamente há quanto tempo). A entrevistadora optou por prosseguir com a entrevista, se assegurando de que a criança não mostrava sinais de abalo ou desconforto, e buscou distanciá-la do personagem da história, reforçando o nome fictício, resgatando as características inventadas sobre o tio (bigode e gravata borboleta) e os aspectos fantasiosos trazidos pela criança.

Mesmo com o número enxuto de participantes, foi possível observar diferenças interessantes nas respostas fornecidas por eles. Para analisá-las, três categorias foram criadas a partir das perguntas disparadoras, explorando diferentes aspectos da perspectiva das crianças.

#### I. Composição da história

*Como será que o tio morreu? Onde ele morreu?*

P. criou uma história em que o tio de Maria estava correndo na roça, então escutou um barulho e foi olhar o que era, ao que caiu num espinheiro e se furou. Uma moça que estava passeando por perto tentou salvá-lo, mas não conseguiu. A entrevistadora encorajou-a a dar continuidade à história diversas vezes, pois P. respondia “não sei” para muitas das perguntas. O final feliz planejado no método foi contado ao final.

R. se utilizou de elementos fantasiosos ao longo da composição, inclusive emprestados de um filme descrito por ele. Em sua história, o tio morreu enquanto fazia um feitiço trancado dentro de sua casa. Quando alguém arrombou a porta, o tio já estava morto. A família inteira tentou salvá-lo, mas não conseguiu – quem conseguiu foi um personagem do filme visto pela criança, que, segundo ela, pega um livro, corta o dedo de um amigo, pega um pedaço de um brinco e corta seu cabelo inteiro, assim ressuscitando o tio. R. também criou sua própria versão de um final feliz: depois de ressuscitar, o tio ressuscita outros tios, “até os que estão lá embaixo e no céu”, e a mãe do João compra duas pizzas para deixá-lo feliz.

#### II. Concepção de morte

*Que coisas podem fazer com que os tios morram? Todos os tios têm que morrer? Existem alguns tios que podem viver para sempre? Para morrer, o tio tinha que ser muito velhinho? Tinha que estar doente?*

Sobre as causas da morte, P. cita receber um soco, “não ver e bater numa árvore” ou ser atingido por algo pesado. De acordo com ela, o tio tem que ser velhinho, mas não precisa estar doente. R. enumera práticas de suicídio (“pegar uma corda, pendurar num negócio e depois se enforcar”, “pegar uma faca e se cortar”, “pular de um prédio”, “pular de uma ponte”, “se afogar na água”), além de se cortar quebrando um vidro e “tomar um tiro”. R. também afirmou que o tio não precisava ser velhinho nem estar doente para morrer.

Já de início, é perceptível que as causas de morte citadas pelas crianças têm naturezas diferentes. P. parece tomar suas referências de desenhos animados ou histórias infantis, em que um personagem é esmagado por um objeto pesado, como um piano ou uma bigorna, e as causas são pouco encontradas na realidade cotidiana. É improvável que uma pessoa morra após se furar em um espinheiro, e mesmo bater numa árvore tem teor cômico, fantástico.

Enquanto isso, R. listou diversas causas associadas ao suicídio e à violência, todas formas não naturais de morte, assentadas numa maior concretude: em 2016, o suicídio foi a segunda maior causa de morte entre jovens de 15 a 29 anos no mundo, sendo que 79% dos suicídios que ocorrem no mundo são em países de baixa e média renda (OPAS, 2022). No Brasil, essa taxa cresceu 43% entre 2010 e 2019 (Ministério da Saúde, 2021). Além disso, só em 2021 houve 41.000 homicídios no Brasil, numa taxa de 20 por 100.000 habitantes (Rádio Senado, 2022). Ou seja, as causas de morte que R. aponta quando perguntado não partem de um imaginário ingênuo, mas de dados concretos da realidade.

Também é possível comparar nessas respostas a forma como se dá a vinculação da morte à idade avançada e a enfermidades. Essa vinculação acontece em relação à idade por parte de P., indicando que ela entende a morte como uma consequência da velhice, não necessariamente atrelada a questões de saúde, configurando, portanto, o que chamamos de morte natural. Para R. essa vinculação não existe: nem em relação à idade, nem ao adoecimento. Isto é, a morte pode ter causas externas, provocadas; em resumo, não naturais.

Essa diferença pode ser explicada pelos dados já trazidos no Atlas da violência (EL PAÍS, 2018) a respeito da mortalidade no país e de quais parcelas da população estão mais sujeitas a lidar com ela. Para uma criança preta, moradora da periferia de São Paulo, a morte está mais perto, presente no dia a dia, no território, nas experiências institucionalizadas, no discurso. É uma possibilidade muito mais vívida, que se mostra ao seu alcance com maior frequência do que para uma criança de idade semelhante, mas com outra cor de pele e outras condições socioeconômicas. Por isso, ao serem indagados sobre as coisas que podem fazer um tio morrer, R. e P. possuem referenciais diferentes, mesmo que ambos façam uso de elementos criativos e fantasiosos.

O mesmo pode ser dito para outro aspecto da criação dos sujeitos: para P., alguns tios podem viver para sempre, mas ela diz não ter conhecido nenhum que tenha, de fato, vivido para sempre. Atrelada às causas estabelecidas pela criança e, concomitantemente, o entendimento da morte como um evento natural do ciclo da vida, pode-se inferir que a sua perspectiva da morte não desagrega completamente os elementos fantasiosos dos reais.

Já R. afirma que “todo mundo na vida morre”, a não ser por Jesus – figura que aparece pela primeira vez em sua fala, e que convoca o elemento religioso, apesar de sua mãe informar que a família não possui uma crença religiosa. Ele afirma também que os tios podem ressuscitar nas histórias e nos filmes, desenhos e outras mídias, mas não na vida real, mais uma vez reforçando a concretude de sua perspectiva da morte, e demonstrando que há uma separação clara entre ficção e realidade.

Em todo caso, as falas das crianças divergem em muitos aspectos, mas muito pouco na conceituação biológica-fisiológica. Uma distinção pode ser identificada justamente na concepção de universalidade: R. reconhece que tudo que é vivo morre, enquanto P. acredita ser possível que alguns tios, simbolizando as pessoas em geral, vivam para sempre. Quanto às similaridades, R. menciona a ressurreição em sua história, mas faz nota de que esta não é possível na vida real, portanto demonstrando já possuir a noção de irreversibilidade da morte. Esta também aparece na fala de P. quando perguntada sobre o que falaria para Maria depois da perda de seu tio (“morreu, morreu, né? Não dá mais pra consertar”). Além disso, ambas as crianças atribuem causa à morte, ou ainda, identificam que certas circunstâncias podem levar à morte, não a personificando como “alguém” que “leva” as pessoas para algum lugar.

No que se refere ao desenvolvimento intelectual de acordo com a categorização proposta por Piaget (1990), as duas se encaixam no estágio ou na transição para o estágio operacional-concreto, levando em consideração somente suas idades e a não notificação de deficiências que poderiam comprometer seus processos cognitivos. Assim, a diferenciação em suas respostas possivelmente pode ser atribuída ao desenvolvimento social ao invés de cognitivo, isto é, a socialização do pensamento através das interações com outras pessoas e vivências cotidianas.

### III. Relação com a morte

*Como o João/a Maria se sentiu quando soube que o tio morreu? O João/a Maria contou para alguém sobre a morte do tio? O João/a Maria conhece outras crianças que perderam um tio ou algum outro familiar? O que você diria para o João/a Maria?*

P. atribuiu a perda ao sentimento de tristeza. R., similarmente, diz que o João da história ficou magoado, porque “ele gostava demais daquele tio, só que ele teve que partir”. Frente a essas reações dos personagens, P. afirma que diria para ela não ficar triste, pois “morreu, morreu, né? Não dá mais pra consertar”, enquanto R. declarou que diria para João não ficar magoado, “porque se ele ficasse magoado, ele ia ficar muito triste e ele ia ficar doente, e se ele ficasse doente e não tivesse dinheiro para pagar, ele também ia morrer”.

Essas respostas remontam à pesquisa de Silva et al (2020), que explora a dimensão emocional da morte para as crianças além da cognitiva. Como observado na maioria das respostas das crianças portuguesas, a morte é associada a sentimentos como tristeza e saudade. Essa reação parece comum dentre todas as idades incluídas na pesquisa (apesar de não ser totalizada) e é reconhecida como normativa para grande parte delas.

No caso de R., chama atenção que a resposta à tristeza do personagem é uma preocupação com a saúde e com o acesso ao tratamento, mostrando associação entre o estado emocional e o físico, e que tal preocupação faz parte da sua vivência a ponto de aparecer espontaneamente no discurso. P., por sua vez, apresenta uma justificativa prática, distanciada de uma resposta emotiva, com base na permanência da morte. Não se sabe se essa reação se deve a um distanciamento sentido por parte da criança em relação à morte e ao luto,

possivelmente conferido pela atribuição da experiência a uma personagem imaginária. Contudo, é uma resposta interessante tendo em vista o aporte criativo utilizado pela criança para explicar a morte, suas causas e efeitos, e que parecem estar ligados ao mundo dos desenhos e quadrinhos, muito mais do que a uma experiência vivida.

A personagem Maria da história de P. não contou para ninguém sobre a morte do tio, mas conhecia outras crianças que haviam passado pela mesma situação, e P. inventou uma personagem para ocupar esse papel, chamada Crapite (mais tarde, o nome virou Jubiscleuda, pois nem ela nem a entrevistadora lembravam o nome anterior). De acordo com ela, a personagem inventada perdeu um tio que estava doente e era muito velhinho. Já João, da história de R., conhecia alguns amigos que também perderam pessoas próximas e contou para vários amigos sobre a perda de seu tio.

Assim, para as duas crianças a morte não parece ser um evento isolado, já que não é um evento vivido somente pelo personagem principal, mas sim algo que o aproxima de outras crianças ao seu redor.

É importante também salientar a reação das crianças diante da proposta da pesquisa. De início, P. se mostrou extrovertida, aberta a conversar. Após a leitura do termo de consentimento, no entanto, ficou quieta num primeiro momento, levantando as sobrancelhas, desviando o olhar. Ao ser questionada sobre o que estava pensando, respondeu “não sei”, dando risada. Ela foi assegurada de que poderia desistir da entrevista a qualquer momento, mas demonstrou interesse em continuar. Ao longo de toda a invenção da história, expressou que “não sabia” diversas vezes e foi incentivada pela entrevistadora a falar o que quisesse. Ao final, foi perguntado o que havia achado da história, ao que P. respondeu “muito boa”, e que sua parte favorita havia sido a personagem Jubiscleuda, criada por ela mesma. A entrevistadora perguntou se havia gostado de mais alguma coisa e ela respondeu que não, depois mudando a resposta para “até que eu gostei” [do restante].

No caso de R., não houve mudança no comportamento durante e após o esclarecimento do tema da entrevista, a não ser pela menção à morte do tio. O próprio fato de R. trazer uma experiência pessoal de perda de um ente querido demonstrou uma projeção de si mesmo na história, não constatada na entrevista com P., mesmo esta também tendo perdido

um familiar (a bisavó, dois anos antes da pesquisa). Poderíamos supor tanto uma aproximação maior com a experiência do luto por parte de R., sendo essa uma característica importante de sua perspectiva da morte, quanto simplesmente um maior envolvimento na atividade.

De todo modo, ambos os sujeitos entrevistados declararam não terem tido conversas sobre o tema com adultos. Essa falta de comunicação sobre a morte é levantada na pesquisa de Silva et al (2020), demonstrando que, embora entendam a motivação de proteção emocional por parte dos adultos, a maioria das crianças expressa desejo de estarem incluídas no luto vivido pela família e consideram que a criança deve ser informada da morte de um ente querido, elemento também verificado em Anton e Fávero (2011).

Poder falar sobre a morte permite que a criança a processe como um fato natural do ciclo da vida, palavras inclusive utilizadas por R. As crianças elaboram o próprio luto a partir dos elementos disponíveis no seu universo simbólico e, portanto, a omissão de sentimentos desagradáveis não contribui para essa elaboração – pelo contrário, restringe a possibilidade de aprender com a experiência.

As crianças são inseridas na esfera cultural através da comunicação com aqueles ao seu redor, inclusive, e primariamente, os adultos. No relato de R. a presença dos elementos religiosos podem ser reflexo do que a criança ouve em seu meio, bem como as representações simbólicas associadas à morte. No relato de P., a fantasia tomando o lugar de circunstâncias concretas podem revelar a forma como a morte é tratada em seu meio.

Em vista disso, assim como observado com o brincar e a infância, a morte como temática de discussão permite encontrar evidências da desigualdade na nossa sociedade e demonstrar alguns dos atravessamentos que a dimensão subjetiva sofre na construção dos saberes de cada sujeito.

Logicamente, a análise contida nas categorias aqui exploradas parte principalmente de suposições, já que as crianças entrevistadas não representam toda sua classe econômica e social, ainda que revelem em suas respostas aspectos teoricamente presumidos, como seu nível de exposição ao luto e de que forma ela acontece. Ademais, como já dito, o número de sujeitos limita muito a amplitude do estudo.

Assim sendo, seria interessante expandir a pesquisa, replicando o modelo de contação de histórias com um número maior de crianças, a fim de averiguar a relação entre suas condições socioeconômicas (e, conseqüentemente, de acesso à cultura, saúde, educação, entre outros aspectos) e as categorias aqui examinadas, se possível exercendo maior controle sobre as variáveis. Também seria proveitoso o uso de outros enquadramentos além do socioeconômico, referentes à identidade e ao modo de vida das crianças e de seus pares, como por exemplo a raça, a identidade de gênero, a origem étnica, e assim por diante.

Em relação à metodologia, a contação de histórias é um instrumento interessante por permitir o desprendimento das experiências próprias até certa medida, mas que pode ser limitado, por envolver a fala desinibida e a capacidade inventiva que pode ser bloqueada pela falta de vínculo. Em uma escala maior de amostra, a história poderia ser substituída ou complementada por outras maneiras de adentrar o universo subjetivo dos participantes, tais como o desenho, a pintura, a brincadeira de faz de conta e demais aportes artísticos, ou ainda, pode ser precedida por um empreendimento maior de tempo para a construção de um vínculo.

Mesmo assim, as crianças entrevistadas deram respostas muito ricas, permeadas por elementos fantasiosos, e se implicaram na tarefa de construir juntamente à entrevistadora uma narrativa que dissesse respeito a quem elas são e o lugar de onde falam.

De acordo com Freud, as crianças não inibem a expressão do pensamento sobre a morte como fazem os adultos, “mas a desenvolvem tanto diretamente como na fantasia” (Freud apud Torres, 1979), e esse foi o resultado constatado no presente estudo. O contraste entre as duas histórias, tais como as concepções de morte, costurou evidências de um tecido social marcado pela desigualdade, pelas lentes da experiência infantil.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho pretendeu investigar evidências da desigualdade social na perspectiva infantil acerca da morte, buscando identificar se a materialidade da vida das crianças interfere na forma como entendem e se relacionam com essa temática.

Para tanto, lançou-se mão metodologicamente de uma pesquisa qualitativa, sob a luz da psicologia sócio-histórica, baseando-se principalmente nos estudos de Vigotski. A categoria da dimensão subjetiva da realidade foi importante para compreender como as informações referentes às determinações materiais se relacionavam ao que foi contado pelos participantes.

Foram realizadas entrevistas semidirigidas com duas crianças entre 7 e 9 anos e 11 meses, oriundas de classes sociais diferentes – até 4 salários mínimos e a partir de 15 salários mínimos –, que foram convidadas a dar continuidade a uma história onde uma criança perde um ente querido.

Os dados foram analisados orientando-se através de três categorias: composição da história, concepção de morte e relação com a morte, que foram criadas com base nas perguntas disparadoras que auxiliaram a entrevista.

Verificou-se um contraste significativo entre as duas histórias criadas pelas crianças, bem como em suas percepções no que se refere ao cenário proposto pela pesquisadora. Enquanto a criança de alta renda criou uma narrativa e justificativas pautadas em fantasias típicas de desenhos animados, tais como se furar num espinheiro ou ser atingido por um objeto pesado, a criança de baixa renda trouxe elementos mais concretos, baseados em experiências de morte mais presentes no cotidiano, tais como levar um tiro ou cometer suicídio, ambas causas de morte comuns no Brasil.

No entanto, é pertinente destacar que a pesquisa possui limitações. Uma vez que se trata de uma pesquisa de ordem qualitativa, realizada apenas com dois participantes, não permite qualquer tentativa de generalização dos resultados. Para uma possível continuidade da investigação, visando abranger uma maior diversidade de realidades, seria importante

investigar outros recortes, como racial, de gênero, territorial, religioso, entre outros, além de ampliar a amostra estudada.

## 5. REFERÊNCIAS

ALESSI, Gil. No Brasil, dois países: para negros, assassinatos crescem 23%. Para brancos, caem 6,8%. *El País*, 2018. Disponível em [https://brasil.elpais.com/brasil/2018/06/05/politica/1528201240\\_021277.html?id\\_externo\\_rs\\_oc=FB\\_CC&fbclid=IwAR1AXzNC565nSevJ2sITVzCDyI60ekrX9a2CWfChnveGY3BkdXz8wrSeqis](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/06/05/politica/1528201240_021277.html?id_externo_rs_oc=FB_CC&fbclid=IwAR1AXzNC565nSevJ2sITVzCDyI60ekrX9a2CWfChnveGY3BkdXz8wrSeqis).

ANTON, Márcia Camaratta; FAVERO, Eveline. *Morte repentina de genitores e luto infantil: uma revisão da literatura em periódicos científicos brasileiros*. *Interação em Psicologia*, Curitiba, v. 15, n. 1, oct. 2011. ISSN 1981-8076. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/psicologia/article/view/16992/16423>.

ANDRES, Isabela Rodrigues; BENTO, Kimberly Davini Dias; RIBEIRO, Marilda P. de O. O Brincar em Diferentes Perfis Socioeconômicos e a Desigualdade Social. Trabalho apresentado no V CONPE online, realizado em 2021.

ARENHART, Deise; SILVA, Maurício Roberto da. Entre a Favela e o Castelo: Infância, Desigualdades Sociais e Escolares. *Cadernos CERU*, série 2, v. 25, n. 1, junho de 2014, pp. 59-82. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ceru/article/view/89149/92025>.

As maiores causas de morte de jovens no Brasil e no mundo, segundo a OMS. *G1*, junho de 2021. Disponível em <https://g1.globo.com/bemestar/noticia/as-maiores-causas-de-morte-de-jovens-no-brasil-e-no-mundo-segundo-a-oms.ghtml>.

BARROS, J. P. P., MOURA Júnior, J. F., ALMEIDA Segundo, D. S. de, SARAIVA, R. B., & MOREIRA, M. G. R. (2020). Pobreza, instituições e segurança: perspectivas de familiares de adolescentes assassinados no Ceará. *Psico*, 51(1), e32896. Disponível em <https://doi.org/10.15448/1980-8623.2020.1.32896>.

BOCK, Ana M.B.; GONÇALVES, M. Graça M.; ROSA, Elisa Z. *Dimensão subjetiva: uma proposta para uma leitura crítica em psicologia*. São Paulo: Cortez, 2020, p. 263-283.

BOLDRINI, Angela. Violência obstétrica atinge quase metade das mães no SUS, mas é normalizada. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, abril de 2021. Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2021/03/violencia-obstetrica-atinge-quase-metade-das-maes-no-sus-mas-e-normalizada.shtml>>.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Boletim epidemiológico*, Brasília, v. 52, n. 33, Set. 2021. Disponível em <[https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/boletins/boletins-epidemiologicos/edicoes/2021/boletim\\_epidemiologico\\_svs\\_33\\_final.pdf](https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/boletins/boletins-epidemiologicos/edicoes/2021/boletim_epidemiologico_svs_33_final.pdf)>.

DRAGO, Rogério; RODRIGUES, Paulo da Silva. Contribuições de Vygotsky para o desenvolvimento da criança no processo educativo: algumas reflexões. *Revista FACEVV*, n. 3, jul.-dez. 2009, pp. 49-56. Disponível em <<http://maratavarespsictics.pbworks.com/w/file/fetch/74430569/8-ARTIGO%20ROGERIO%20DRAGO.pdf>>.

FÁVERO, Maria Helena. Desenvolvimento Psicológico, Mediação Semiótica e Representações Sociais: Por uma Articulação Teórica e Metodológica. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 21 n. 1, jan-abr 2005, pp. 017-025. Disponível em <[Vol21n01.indb \(scielo.br\)](#)>.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Tábua completa de mortalidade para o Brasil – 2019: Breve análise da evolução da mortalidade no Brasil*. Rio de Janeiro: IBGE, 2020. Disponível em: <[tcmb\\_2019.pdf \(ibge.gov.br\)](#)>.

Ipea (INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA). *Atlas da violência — 2020*. Disponível em <[https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com\\_content&view=article&id=36488&Itemid=432](https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=36488&Itemid=432)>.

KANE, B. (1979). Children's concepts of death. *The Journal of Genetic Psychology: Research and Theory on Human Development*, 134(1), 141–153. Disponível em <<https://doi.org/10.1080/00221325.1979.10533406>>.

PASQUALINI, Juliana C. A perspectiva histórico-dialética da periodização do desenvolvimento infantil. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 14, n. 1, p. 31-40, jan./mar. 2009. Disponível em

<<https://www.scielo.br/j/pe/a/RWgYJCJ8KJvkYfzvDbcF3PF/?lang=pt&format=pdf>>.

Pesquisa aponta redução de homicídios no país em 2021. *Rádio Senado*, 22 Fev. 2022. Disponível em

<<https://www12.senado.leg.br/radio/1/noticia/2022/02/22/pesquisa-aponta-reducao-de-homicidios-no-pais-em-2021>>.

SENGIK, Aline Sberse; RAMOS, Flávia Brocchetto. Concepção de morte na infância. *O Psicol. Soc.*, Belo Horizonte, v. 25, n. 2, p. 379-387, 2013. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-71822201300020015&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822201300020015&lng=en&nrm=iso)>.

SILVA, Sandra Francisca de O. *As crianças: um estudo sobre os sentidos e significados da infância entre crianças em uma sociedade desigual*. São Paulo, 2015. Disponível em <<https://tede2.pucsp.br/handle/handle/16207>>.

SILVA, F.M, et al. Compreensão emocional da morte pelas crianças em idade pré-escolar, *Acta Med*, Porto, p. 649-656, out 2020. Disponível em <<https://repositorio.chporto.pt/bitstream/10400.16/2473/1/Compreens%c3%a3o%20Emocional.pdf>>.

TORRES, Wilma da Costa. O conceito de morte na criança. *Psicologia da cultura*, v. 31 n. 4, 1979. Disponível em <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/abp/article/view/18239>>.

Uma em cada 100 mortes ocorre por suicídio, revelam estatísticas da OMS. *OPAS*, 2022. Disponível em <<https://www.paho.org/pt/noticias/17-6-2021-uma-em-cada-100-mortes-ocorre-por-suicidio-revelam-estatisticas-da-oms>>.

VYGOTSKY, L.S. *A formação social da mente*. Livraria Martins Fontes Editora Ltda. São Paulo, 1991, 4ª ed. Digitalizado por Funcionários da Seção Braille da BPP. Disponível em

<[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3317710/mod\\_resource/content/2/A%20formacao%20social%20da%20mente.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3317710/mod_resource/content/2/A%20formacao%20social%20da%20mente.pdf)>.

## 6. ANEXOS

### ANEXO 1 - Termo de Assentimento Livre e Esclarecido

#### TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TALE)

#### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO- RESPONSÁVEL PELO MENOR - TCLE

(Conselho Nacional de Saúde, Resolução 466/2012/Resolução 510/2016)

Título do Projeto de Pesquisa: A perspectiva infantil da morte a partir de um referencial de classe: uma comparação.

Pesquisadora Responsável: Laura Ramos dos Santos

Orientadora Responsável: Prof.(a) Dr.(a) Marilda Pierro de Oliveira Ribeiro

Local onde será realizada a pesquisa: São Paulo, SP.

Seu (Sua) filho(a) (ou menor sob sua responsabilidade) está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa acima especificada. O convite está sendo feito a ele (ela) porque a pesquisa consiste em investigar a perspectiva de crianças de diferentes classes sociais acerca do tema morte. Sua concordância é importante, porém, você não deve autorizar seu (sua) filho(a) (ou menor sob sua responsabilidade) contra a sua vontade.

Antes de decidir, é importante que você entenda por que esta pesquisa está sendo realizada, todos os procedimentos envolvidos, os possíveis benefícios, riscos e desconfortos que serão descritos e explicados abaixo.

A qualquer momento, antes, durante e depois da pesquisa, você poderá solicitar maiores esclarecimentos, ou retirar a autorização. Em todos esses casos você e seu (sua) filho(a) (ou menor sob sua responsabilidade) não serão prejudicados, penalizados ou responsabilizados de nenhuma forma.

Em caso de dúvidas sobre a pesquisa, você poderá entrar em contato com a pesquisadora responsável **Laura Ramos dos Santos**, no celular **(11) 97312-8831** ou no e-mail **rmslaura03@gmail.com**. Você poderá também entrar em contato com a orientadora da pesquisa, **Prof.(a) Dr.(a) Marilda Pierro de Oliveira Ribeiro** no e-mail **mporibeiro@pucsp.br**. Este estudo foi analisado por um Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), que é um órgão que protege o bem-estar dos participantes de pesquisas. O CEP é responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas

envolvendo seres humanos, visando garantir a dignidade, os direitos, a segurança e o bem-estar dos participantes de pesquisas. Caso você tenha dúvidas e/ou perguntas sobre seus direitos como participante deste estudo ou se estiver insatisfeito com a maneira como o estudo está sendo realizado, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Faculdade de Ciência Médicas e da Saúde – localizado na Rua Joubert Wey, 290 – Vergueiro Sorocaba- SP – CEP 18030-070, sala 506 5º andar do Prédio da Faculdade. Contato (15) 3212-9896 – e-mail: [cepfcms@pucsp.br](mailto:cepfcms@pucsp.br), de segunda-feira a sexta-feira no horário das 8hs às 16hs.

Todas as informações coletadas neste estudo serão confidenciais (seu nome jamais será divulgado). Somente a pesquisadora e/ou equipe de pesquisa terão conhecimento da identidade de seu (sua) filho(a) (ou menor sob sua responsabilidade) e nos comprometemos a mantê-la em sigilo. Os dados coletados serão utilizados apenas para esta pesquisa.

Após ser apresentado(a) e esclarecido(a) sobre as informações da pesquisa, no caso de autorizar seu (sua) filho(a) (ou menor sob sua responsabilidade) como voluntário(a), você deverá rubricar todas as páginas e assinar ao final deste documento elaborado em duas vias. Também, abaixo a este documento, seu (sua) filho(a) (ou menor sob sua responsabilidade) será esclarecido sobre a pesquisa e no caso de aceitar em participar como voluntário da pesquisa, deverá assinar. Cada via também será rubricada em todas as páginas e assinada pela pesquisadora responsável, devendo uma via ficar com você, para que possa consultá-la sempre que necessário.

### **INFORMAÇÕES IMPORTANTES QUE VOCÊ PRECISA SABER SOBRE A PESQUISA**

Justificativa para realização da pesquisa: a pesquisa se justifica à medida que o entendimento do fenômeno morte passa por diversas dimensões, tais como o contexto socioeconômico e panorama cultural do sujeito. Dada a desigualdade presente no país, que dialoga com as diferentes formas de se viver e morrer, a tese da pesquisa é de que o imaginário das crianças seja um campo da subjetividade, como muitos outros, afetado pelas condições materiais diversas.

Objetivos da pesquisa: averiguar de que forma os aspectos materiais podem influenciar a perspectiva das crianças sobre a morte a partir de uma comparação entre crianças de classes sociais diferentes.

População da pesquisa: crianças de 7 a 9 anos e 11 meses de quaisquer gêneros, oriundas de famílias de alta e baixa renda, que não tenham passado por situação de luto recente à pesquisa.

Procedimentos aos quais será submetido(a): anterior à atividade, os pais ou responsáveis deverão preencher um questionário de contexto socioeconômico para determinar dados como o bairro e condição de moradia, escolaridade e renda mensal familiar. Após preenchido o questionário, já sem a presença dos pais ou responsáveis, a pesquisadora

procurará estabelecer uma conversa com a criança sobre assuntos de seu interesse, com o objetivo de deixá-la à vontade. Após isso, a criança será convidada a ouvir o início de uma história que apresenta um personagem que perde um tio, e a partir da morte desse familiar, será convidada a dar continuidade à história com o auxílio de perguntas formuladas pela pesquisadora. São elas: como será que o tio morreu? Onde ele morreu? Que coisas podem fazer com que os tios morram? Alguém tentou salvar o tio? Todos os tios têm que morrer? Existem alguns tios que podem viver para sempre? Para morrer, o tio tinha que ser muito velho? Tinha que estar doente? Como o João/a Maria se sentiu quando soube que o tio morreu? O João/a Maria contou para alguém sobre a morte do tio? O João/a Maria conhece outras crianças que perderam um tio ou algum outro familiar? O que você diria para o João/a Maria? Ao final das perguntas, a pesquisadora irá retomar a história dando um final feliz e perguntará à criança quais foram suas impressões. O áudio da entrevista será gravado para posterior transcrição, sendo seu uso restrito à redação e publicação da pesquisa. A expectativa é de que a atividade seja realizada em um único encontro e leve menos de uma hora, mas a criança tem total liberdade de expressar cansaço e interrompê-la quando desejar.

Riscos em participar da pesquisa: por se tratar de um assunto delicado, a criança pode se sentir desconfortável em se aprofundar e pode querer desistir da atividade. Nesses casos, ela terá total liberdade de interromper a pesquisa sem quaisquer consequências. A criança pode também entrar em contato com memórias e/ou pensamentos desagradáveis, motivo pelo qual foi tomada a devida cautela de não incluir participantes que tenham passado por um processo de luto recente ao momento da pesquisa. Além disso, ainda pensando na possibilidade de emergirem memórias e/ou pensamentos desagradáveis, a atividade será finalizada com a construção de um final feliz e um momento de descontração, introduzindo outros temas que não tenham relação com a pesquisa, como interesses da própria criança. Em caso de reações que impossibilitem a continuação da atividade, ela será interrompida e a pesquisadora oferecerá o acolhimento necessário.

Benefícios em participar da pesquisa: através da atividade, a criança poderá se divertir com a contação de uma história e aprender formas de lidar com a morte de forma saudável, através do diálogo. A história possibilita que a criança trate do assunto com distanciamento, e por isso oferece um espaço para que ela explore o tema sem se expor além do necessário. Além disso, no que tange o aspecto social, a pesquisa poderá auxiliar na análise comparativa do desenvolvimento subjetivo numa perspectiva sócio-histórica, que leva em consideração os aspectos sociais, históricos e culturais dos sujeitos na investigação da psique.

Privacidade e confidencialidade: a pesquisadora se compromete a tratar seus dados de forma anonimizada, com privacidade e confidencialidade. A gravação de áudio da entrevista é necessária para que se faça a transcrição completa para a análise de dados, portanto o consentimento dos pais ou responsáveis é requerido, e a pesquisadora se compromete com a anonimização e não divulgação do material.

Acesso a resultados parciais ou finais da pesquisa: o participante e seus responsáveis têm o direito, caso solicitem, a ter acesso aos resultados da pesquisa.

Custos envolvidos pela participação da pesquisa: a participação na pesquisa não envolve custos, tampouco compensações financeiras. Se houver gastos, como de transporte e alimentação, eles serão ressarcidos.

Danos e indenizações: Se ocorrer qualquer problema ou dano pessoal durante ou após os procedimentos aos quais seu (sua) filho(a) (ou menor sob sua responsabilidade) foi submetido lhe será garantido o direito a tratamento imediato e gratuito na Instituição, não excluindo a possibilidade de indenização determinada por lei, se o dano for decorrente da pesquisa.

### CONSENTIMENTO DO PARTICIPANTE

Eu, abaixo assinado, declaro que concordo em autorizar meu (minha) filho(a) (ou menor sob minha responsabilidade) desse estudo como voluntário(a) de pesquisa. Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) sobre o objetivo desta pesquisa, que li ou foram lidos para mim, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de participação de meu (minha) filho(a) (ou menor sob minha responsabilidade) e esclareci todas as minhas dúvidas. Foi-me garantido que eu posso me recusar a autorizar e retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto me cause qualquer prejuízo, penalidade ou responsabilidade meu (minha) filho(a) (ou menor sob minha responsabilidade). Autorizo a divulgação dos dados obtidos neste estudo mantendo em sigilo da identidade meu (minha) filho(a) (ou menor sob minha responsabilidade). Informo que recebi uma via deste documento com todas as páginas rubricadas e assinadas por mim e pelo Pesquisador Responsável.

Nome do(a) menor participante:

\_\_\_\_\_

Endereço:

\_\_\_\_\_

Nome do (a) responsável legal:

\_\_\_\_\_

Telefone: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

Local e data: \_\_\_\_\_

**OBS.: Termo apresenta duas vias, uma destinada ao responsável legal e a outra ao pesquisador.**

## **TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

(maiores de 6 anos e menores de 18 anos)

Você está sendo convidado para participar da pesquisa “A perspectiva infantil da morte a partir de um referencial de classe: uma comparação”. Seus pais permitiram que você participasse.

Com essa pesquisa, quero saber como a vida das crianças interfere na forma como elas veem a perda de outras pessoas.

As crianças que irão participar desta pesquisa têm de 7 a 9 anos e 11 meses de idade.

Você não precisa participar da pesquisa se não quiser, é um direito seu e não terá nenhum problema se desistir.

A pesquisa será feita no/a local combinado com seus pais ou responsáveis, onde a criança irá auxiliar a pesquisadora a contar uma história sobre um personagem que perde um familiar querido. O uso desse método de histórias é considerado seguro, mas é possível que a criança fique desconfortável ou chateada com o tema. Caso aconteça algo errado, você pode interromper a atividade, ou me procurar pelo telefone (11) 97312-8831, da pesquisadora Laura Ramos dos Santos.

Mas há coisas boas que podem acontecer, como se divertir contando uma história e usando a imaginação, e aprender a falar sobre a morte e assuntos difíceis de uma forma saudável.

Se você morar longe do local combinado, nós daremos a seus pais dinheiro suficiente para transporte, para também acompanhar a pesquisa.

Ninguém saberá que você está participando da pesquisa; não falarei a outras pessoas, nem darei a estranhos as informações que você me der. Os resultados da pesquisa vão ser publicados, mas sem identificar as crianças que participaram.

A entrevista será gravada em áudio, se você concordar. Quando terminarmos a pesquisa, vou escrever sua história e a das outras crianças que participaram para apresentar.

Se você tiver alguma dúvida, você pode me perguntar. Eu escrevi os telefones na parte de cima deste texto.

## **CONSENTIMENTO PÓS INFORMADO**

Eu \_\_\_\_\_ aceito participar da pesquisa “A perspectiva infantil da morte a partir de um referencial de classe: uma comparação”.

Entendi as coisas ruins e as coisas boas que podem acontecer.

Entendi que posso dizer “sim” e participar, mas que, a qualquer momento, posso dizer “não” e desistir, e que ninguém vai ficar furioso.

A pesquisadora tirou minhas dúvidas e conversou com os meus responsáveis.

Recebi uma via deste termo de assentimento e li e concordo em participar da pesquisa.

São Paulo, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

_____	_____
Nome do(a) menor	Nome da pesquisadora
_____	_____
Assinatura do(a) menor	Assinatura da pesquisadora

### **DECLARAÇÃO DO PESQUISADOR**

Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária, o Consentimentos Livre e Esclarecido deste participante e do representante legal para a participação neste estudo.

Declaro ainda que me comprometo a cumprir todos os termos aqui descritos.

Nome \_\_\_\_\_ da \_\_\_\_\_ Pesquisadora: \_\_\_\_\_ :

Assinatura: \_\_\_\_\_

Local/data: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

Local/data: \_\_\_\_\_

<p><i>Assinatura Datiloscópica (se não alfabetizado)</i></p>	<p><b>Presenciei a solicitação de consentimento, esclarecimentos sobre a pesquisa e aceite do participante.</b></p> <p>NOME:</p> <p>ASSINATURA</p> <p>DATA: ...../...../.....</p>
--	---

**ANEXO 2 - Entrevista de contexto socioeconômico****ENTREVISTA DE CONTEXTO SOCIOECONÔMICO**

1. Qual a sua renda familiar mensal?

- (A) Nenhuma renda.
- (B) Até 1 salário mínimo (até R\$ 1100,00).
- (C) De 1 a 4 salários mínimos (de R\$ 1100,01 até R\$ 4400,00).
- (D) De 4 a 6 salários mínimos (de R\$ 4400,01 até R\$ 6600,00).
- (E) De 6 a 10 salários mínimos (de R\$ 6600,01 até R\$ 11.000,00).
- (F) De 10 a 12 salários mínimos (de R\$ 11.000,00 até R\$ 13.200,00).
- (G) De 12 a 15 salários mínimos (de R\$ 13.200,01 até R\$ 16.500,00).
- (H) Mais de 15 salários mínimos (mais de R\$ 16.500,01).

2. Qual a escolaridade do pai/responsável?

- (A) Da 1ª à 4ª série do Ensino Fundamental (antigo primário)
- (B) Da 5ª à 8ª série do Ensino Fundamental (antigo ginásio)
- (C) Ensino Médio (antigo 2º grau)
- (D) Ensino Superior
- (E) Especialização
- (F) Não estudou
- (G) Não sei

3. Qual a escolaridade da mãe/responsável?

- (A) Da 1ª à 4ª série do Ensino Fundamental (antigo primário)
- (B) Da 5ª à 8ª série do Ensino Fundamental (antigo ginásio)
- (C) Ensino Médio (antigo 2º grau)
- (D) Ensino Superior
- (E) Especialização
- (F) Não estudou
- (G) Não sei

4. Qual a profissão exercida pelo pai/responsável?

- (A) Na agricultura, no campo, na fazenda ou na pesca

- (B) Na indústria
- (C) Na construção civil
- (D) No comércio, banco, transporte, hotelaria ou outros serviços
- (E) Como funcionário(a) do governo federal, estadual ou municipal
- (F) Como profissional liberal, professora ou técnica de nível superior
- (G) Trabalho informal (pintor, eletricista, encanador, feirante, ambulante, guardador/a de carros, catador/a de lixo).
- (H) Trabalho doméstico em casa de outras pessoas (cozinheiro/a, mordomo/governanta, jardineiro, babá, lavadeira, faxineiro/a, acompanhante de idosos/as etc.)
- (I) No lar (sem remuneração).
- (J) Outro. Qual? \_\_\_\_\_.
- (K) Não trabalho
- (L) Não sei

5. Qual a profissão exercida pela mãe/responsável?

- (A) Na agricultura, no campo, na fazenda ou na pesca
- (B) Na indústria
- (C) Na construção civil
- (D) No comércio, banco, transporte, hotelaria ou outros serviços
- (E) Como funcionário(a) do governo federal, estadual ou municipal
- (F) Como profissional liberal, professora ou técnica de nível superior
- (G) Trabalho informal (pintor, eletricista, encanador, feirante, ambulante, guardador/a de carros, catador/a de lixo).
- (H) Trabalho doméstico em casa de outras pessoas (cozinheiro/a, mordomo/governanta, jardineiro, babá, lavadeira, faxineiro/a, acompanhante de idosos/as etc.)
- (I) No lar (sem remuneração).
- (J) Outro. Qual? \_\_\_\_\_.
- (K) Não trabalho
- (L) Não sei

6. Qual é o tipo de escola em que a criança estuda?

- (A) Privada
- (B) Privada religiosa
- (C) Pública

7. Qual é o bairro em que a família mora?

\_\_\_\_\_.

8. Qual é o número de cômodos na residência em que a família mora?

\_\_\_\_\_.

9. Qual a quantidade de pessoas que moram juntas nessa residência?

\_\_\_\_\_.

10. A família possui alguma crença religiosa? Se sim, qual?

\_\_\_\_\_.

**ANEXO 3** - Transcrição da entrevista com P.

**P:** criança entrevistada

**L:** entrevistadora

**N:** irmã mais nova

**B:** babá

[Após a leitura do termo de consentimento.]

**L:** Agora a gente vai continuar a história junto. Pode ser? Quer?

**P:** Uhum

**L:** Que cara é essa? [risada] No que você está pensando?

**P:** Não sei...

**L:** [risada] eu posso te ajudar. Por exemplo, como que o tio morreu?

**P:** Se furando...

**L:** Se furando com o quê?

**P:** Não sei... é... não sei.

**L:** Com o que que as pessoas se furam normalmente?

**P:** Não sei.

**L:** Você já conheceu alguém que se furou?

**P:** Uhum.

**L:** Com o quê?

**P:** Não lembro.

**L:** Não lembra? Ta bom, então o tio se furou. E depois, o que aconteceu? Depois que ele se furou.

**P:** [se desequilibra na cadeira] Quase que eu caio!

**L:** Ai meu Deus! [risada][segurando o braço de P.] Onde que o tio tava então?

**P:** Na roça!

**L:** Ele trabalha lá? Que que ele estava fazendo lá?

**P:** Correndo.

**L:** Por que que ele estava correndo na roça?

**P:** Não sei... ele que fala. [Pausa longa] Ele escutou um barulho, né? Aí ele foi assim...

**L:** Ah, ele escutou um barulho?

**P:** Uhum.

**L:** E aí?

**P:** [risada] Aí ele viu que não tinha nada e foi correndo. [Canta]

**L:** E como é que ele se furou?

**P:** Aí não sei!

**L:** [risada] Será que ele tava mexendo em alguma coisa?

**P:** Num espinheiro?

**L:** Pode ser, a gente ta inventando [risada]. E que mais pode fazer um tio morrer? Que coisas que podem fazer um tio morrer?

**P:** Dar um soco?

**L:** Alguém dar um soco nele? [risada]

**P:** Uhum.

**L:** E que mais?

**P:** [derruba água na mesa] Ixe, molhei...

**L:** Ih, ai meu Deus. [criança ri e entrevistadora ri. Limpam a mesa juntas] Olha nossa unha tá igual.

**P:** É...

[Irmã mais nova de P. chega na sala]

**P:** Oi, N. Olha, ela já sai correndo. Continua a dormir... [ininteligível]. Vou colocar o pé na mesa.

**L:** Cuidado pra você não cair.

**P:** Pelo menos eu vou cair com o pé na mesa.

**L:** É, verdade. E aí, que mais? Vamos continuar a história? O que mais pode fazer um tio morrer? Se furar num espinheiro, levar um soco...

**P:** Ele... não ver e bater numa árvore?

**L:** Hm. E tem alguns tios que podem viver para sempre?

**P:** [pensativa] Sim.

**L:** Quais? Por quê?

**P:** Por quê? Não sei porquê, mas eles vivem.

**L:** É? Quem?

**P:** Não sei. [babá pergunta onde está a irmã mais nova] Então, ela tava aqui, mas ela correu pra um lugar, não sei.

**L:** Ta escondida.

[Babá pergunta se a irmã mais nova não atrapalha]

**P:** Não, ela já atrapalhou. [Ininteligível][se ajeita na cadeira] Pelo menos não caio assim. [Vê a irmã passando][gritando para a babá] A N. foi para um quarto! [tenta subir de volta na cadeira, com muitas almofadas]

**L:** [segura P. pela mão] Isso, dá a mão.

**P:** Upa, cavalinho!

**L:** [risada] E aí, você já conheceu um tio que viveu pra sempre?

**P:** Não.

**L:** Não? E como você sabe que eles vivem para sempre?

**P:** Eu não sei...

**L:** Você acha que eles vivem?

**P:** Uhum.

**L:** Então ta bom. E o tio da Maria, alguém tentou salvar ele?

**P:** Sim?

**L:** É? Quem?

**P:** Eu não sei...

**L:** Quem pode ter tentado?

**P:** [aponta pela janela] O céu ta rosa!

**L:** Que lindo!

[P. volta a olhar para a entrevistadora]

**L:** [risada] Quem pode ter tentado salvar o tio?

**P:** Uma moça?

**L:** Que moça é essa?

**P:** Não s-... é...[pausa]

**L:** Uma moça que estava passando?

**P:** Ela tava passeando

**L:** Ah, e aí ela viu ele se machucar?

**P:** Uhum!

**L:** E para morrer, esse tio era muito velhinho?

**P:** [pensativa] Uhum.

**L:** Ele tem que ser muito velhinho?

**P:** Tem 'que'.

**L:** Ele tem que estar doente?

**P:** [pensativa] Não.

**L:** Não? E aí ele morre como?

**P:** Como? Mas eu já falei...

**L:** [risada] Não, mas quando o tio não está velhinho, quando não ta doente...

**P:** [pensativa] Cai alguma coisa em cima dele pesada.

**L:** É, pode ser. Ou num espinheiro, né? Entendi. E como que a Maria ficou quando ela soube que o tio morreu?

**P:** Triste?

**L:** Ela ficou triste? Ela contou para alguém da morte do tio?

**P:** [pensativa] Não.

**L:** Por que não?

**P:** Não sei...

**L:** E a Maria conhecia outras crianças que perderam o tio?

**P:** Que?

**L:** A Maria conhecia outras crianças que perderam o tio também?

**P:** [pensativa] Não.

**L:** Só ela?

**P:** [balança a cabeça][ouve a irmã mais nova chorando e dá risada]

**L:** Que foi?

**P:** A N. tá chorando porque não quer tomar banho [risada] Ainda bem que eu tô aqui pra não tomar banho.

**L:** [risada]

**P:** [começa a cantar][para e começa a escutar a babá conversando com a irmã mais nova] O que aconteceu? O que aconteceu, [babá]?

**L:** Tadinha...

**P:** Não, ela é chorona mesmo.

**L:** É?

**P:** [gritando para a irmã] Você quer que eu coloque pilha em você? [segurando pilhas que estavam em cima da mesa] B. acalma essa criatura!

**B:** A gente tá se resolvendo aqui, P. Pode continuar aí.

**L:** Vamos continuar então. A gente tá terminando, hein? Como é que ficou a história então, o tio se furou na espinheira e uma moça tentou salvar ele, mas não conseguiu, né?

**P:** Uhum.

**L:** E aí a Maria soube e ficou triste, você falou, né?

**P:** Uhum.

**L:** E ela contou para alguém?

**P:** Não.

**L:** Mas ela conhece outras crianças que perderam o tio?

**P:** Sim.

**L:** Tipo quem?

**P:** Eu não sei o nome das crianças!

**L:** Você pode inventar!

**P:** Crabite.

**L:** Como?

**P:** Crapite.

**L:** Crapite? [risada] Quem é essa?

**P:** É amiga dela.

**L:** Ah, amiga dela, entendi. E ela também perdeu o tio?

**P:** Aham.

**L:** Como?

**P:** Ele... sem parar?

**L:** Como?

**P:** Ele... doente?

**L:** Ah, ele ficou doente? Que que ele teve?

**P:** Não sei.

**L:** [risada] Ta, mas ele ficou muito doente? E ele era velhinho?

**P:** Uhum. Sim.

**L:** E o que que você falaria pra Maria depois que ela perdeu o tio e ficou triste?

**P:** Morreu, morreu, né? Não dá mais pra consertar...

**L:** Entendi... Então vamos fazer um final feliz, né? Pra Maria.

[P. balança a cabeça]

**L:** Vou contar o resto então. “A mamãe da Maria sentou com ele(a) para conversar e explicou que, agora que o tio havia morrido” [N. chorando alto] Você tá ouvindo?

**P:** Não, não to ouvindo nada. Ô B. acalma essa criatura... Pera um pouquinho. [grita para a babá] Eu tô indo aí pra eu te falar uma coisa.

**B:** [do quarto] Pode vir. Eu não fiz nada de errado.

**N:** Fez sim!

**P:** [Ininteligível] dá pra ouvir de lá!

**B:** Desculpa, P. Pede desculpa lá para a menina.

[P. volta para a sala, sobe na cadeira por cima das almofadas]

**L:** Dá a mão aqui.

**P:** Pronto, boto o pezinho aqui, igual um cavalo.

**L:** Isso. [pausa] Vou terminar a história então.

**P:** Uhum.

**L:** “A mamãe da Maria sentou com ele(a) para conversar e explicou que, agora que o tio havia morrido” [carro com música alta começa a passar e P. começa a dançar] Ta dançando aí? [risada] É um carro? Tá animado, né? [risada] Enfim, “a mamãe da Maria sentou com ele(a) para conversar e explicou que, agora que o tio havia morrido, não poderiam mais vê-lo, mas ele iria permanecer sempre nas suas memórias. Ela disse que a morte é uma parte natural da vida, mas não significa que o tio não vai permanecer vivo no coração da Maria. Ela ficou muito feliz de saber que ainda poderia lembrar dos momentos bons com o tio. Logo, seus amigos chegaram para chamá-la para brincar.” Como era o nome da amiga dela, que você inventou?

**P:** [risada] Você não sabe?

**L:** Ah, você sabe?

**P:** [pausa] também não...

**L:** [risada] Era um nome muito diferente. Não lembro.

**P:** Vamos inventar outro?

**L:** Vamos.

**P:** Jubiscléuda.

**L:** [risada] A Jubiscléuda chegou então e chamou a Maria para brincar, e ela foi correndo com a Jubiscléuda. Chegaram no parque e elas brincaram a tarde toda. E a Maria se sentiu muito feliz. E assim, viveram felizes para sempre.

[P. começa a cantarolar]

**ANEXO 4** - Transcrição da entrevista com R.

**R:** criança entrevistada

**L:** entrevistadora

[Após a leitura do termo de consentimento.]

**L:** Agora a gente continua a história de onde parou. Então o que você acha que pode acontecer?

**R:** Será que ele vai ressuscitar de novo?

**L:** O que você acha, você acha que os os tios podem ressuscitar? [R. balança a cabeça] É? Como que eles ressuscitam?

**R:** Eu vi um filme chamado “Lucifer” que o tio dele era um negócio de relógio e fazia mágica também. Aí o Lucifer pegou o livro do tio e foi lá no cemitério invocar um mago que já tinha morrido e era o mais malvado do mundo. E o mago ressuscitou, só ficou a caveira dele.

**L:** Eita, ele virou uma caveira viva?

**R:** É.

**L:** E aí?

**R:** E tava com a ceifa e um... quase um roupão da morte. E os olhos vermelhos.

**L:** Que medo. Você ficou com medo?

**R:** Não.

**L:** Não? Acho que eu ia ficar com medo.

**R:** Eu fico assistindo desde madrugada, antes de eu ir pra escola.

**L:** Ah, e você vai pra escola de manhã?

**R:** Uhum.

**L:** Então o tio, como é que ele vai ressuscitar?

**R:** Ele... ele pega o livro, aí tem que cortar o dedo de um amigo, pegar um pedaço de um brinco, cortar o cabelo inteiro e ressuscita.

**L:** O João que faz isso?

**R:** Não, o Lucitif.

**L:** Como é?

**R:** Lucitif.

**L:** Lucitif? O Lucitif ressuscita o tio do João? [R. concorda] Mas antes disso, como é que o tio morreu?

**R:** Ele morreu em um feitiço que ele trancou a casa inteira e ele morreu, aí quando arrobaram a porta, ele já tava morto.

**L:** Ah, e que outras coisas podem fazer um tio morrer?

**R:** Ele pode... [pensativo] pegar uma corda, pendurar num negócio e depois se enforcar, ou então ele pode pegar uma faca e se cortar.

**L:** Hm, e tem mais alguma coisa que-

**R:** Pular de um prédio, pular de uma ponte, se afogar na água.

**L:** Nossa, quanta coisa, né?

**R:** Ou então quebrar o vidro e se cortar.

**L:** Se cortar no vidro?

**R:** Ou então tomar um tiro.

**L:** Ah. E você já conheceu alguém que aconteceu essas coisas? [R. balança a cabeça] E o João conhece outras crianças que perderam o tio também? [R. balança a cabeça novamente] Quem?

**R:** Meu tio.

**L:** Ah, seu tio? Faz tempo?

**R:** Uhum.

**L:** E o João da historinha, ele conta pra alguém que o tio morreu? [R. concorda] Pra quem?

**R:** Vários amigos.

**L:** E esses amigos também perderam um tio? [R. concorda] Todos?

**R:** Alguns.

**L:** E como é que o João se sentiu quando o tio morreu?

**R:** Magoado.

**L:** Por que magoado?

**R:** Porque ele gostava demais daquele tio só que ele teve que partir.

**L:** Entendi... E quando esse tio do João morreu, o tio do bigode e da gravata borboleta, alguém pode ter tentado salvar ele? [R. faz que sim] Quem?

**R:** A família toda, só que não conseguiram.

**L:** E o Lucitif não ressuscitou ele? Ele salvou então o tio?

**R:** O resto da família não.

**L:** Ah ta. E esse tio do João, pra ele morrer tinha que ser muito velhinho?

**R:** Não.

**L:** Ele podia ser novo? [R. faz que sim] E ele tinha que estar doente?

**R:** Não.

**L:** Também não? Ta. E tem algum tio que pode viver pra sempre?

**R:** Não.

**L:** Todos os tios morrem?

**R:** Todo mundo na vida morre. Só uma pessoa que nunca mais vai morrer?

**L:** Quem?

**R:** Jesus!

**L:** Ele ressuscitou também, né?

**R:** E o Lucitif gritou “sangue de Jesus tem poder!”

**L:** [risada] entendi. E o João, depois que o tio morreu, você falou que ele ficou magoado, né? E se você conhecesse o João, o que você ia falar pra ele?

**R:** Pra ele não ficar chateado. Eu conheço aqui dois “João”, o João Vitor e o João Gabriel.

**L:** Ah, e são seus amigos? [R. concorda] E esse João da história, você acha parecido com seus amigos?

**R:** Não.

**L:** É outro João, né?

**R:** É.

**L:** É um João imaginário. E você ia falar pro João não ficar magoado, por quê?

**R:** Porque se ele ficasse magoado, ele ia ficar muito triste e ele ia ficar doente. E se ele ficasse doente e não tivesse dinheiro pra pagar, ele também ia morrer.

**L:** Entendi. E o que mais pode acontecer na história?

**R:** Se o tio morreu e depois se ressuscitou, vai ressuscitar os outros que morreram.

**L:** Ele vai ressuscitar outras pessoas, outros tios?

**R:** Até os que estão lá embaixo e no céu.

**L:** Então todo mundo vai voltar a viver?

**R:** Yes.

**L:** E a mãe do João, que que ela podia falar pra ele, pra ele ficar feliz?

**R:** Pra ele ficar feliz? Que ela ia comprar duas pizzas pra ele.

**L:** [risada] Duas pizzas? Aí ele come as duas sozinho?

**R:** Eu como pizza, ontem eu comi uns quatro pedaços.

**L:** É gostoso pizza, né?

**R:** É. E ainda comi hoje no café de novo! Falei pra minha mãe: ‘guarda pra mim, senão vou assombrar essa casa!’ [L. ri] Eu sei invocar espírito.

**L:** Você sabe invocar espírito? Como você faz isso?

**R:** Existe uma brincadeira que você pega um papel e um lápis, faz um quadrado, aí você vai falar ‘Charlie, Charlie, você está aqui?’, aí ele vai virar “sim” ou “não”.

**L:** Ah, o espírito vai virar o lápis?

**R:** É.

**L:** Mas aqui na história aparece algum espírito?

**R:** Não.

**L:** Ta, então o tio só ressuscita e ressuscita todo mundo? E fora da história, na vida real, as pessoas podem ressuscitar também?

**R:** Não.

**L:** Só na historinha?

**R:** É. Ou então nos filmes, desenhos...

**L:** Hm, ta bom. Então na vida real a gente pode dar um final feliz, né? Aqui pro Joãozinho. A gente pode falar que a mãe dele sentou com ele pra conversar e falou que agora que o tio morreu, eles não podiam mais ver o tio, né? Mas o tio vai sempre permanecer nas memórias deles. E ela fala também que a morte é uma parte natural da vida, igual você falou, né? Todo mundo que tá vivo pode morrer. Mas não significa que o tio não vai permanecer vivo no coração do João.

**R:** Mas tem um animal que pode viver mais de cem anos.

**L:** Qual?

**R:** A tartaruga.

**L:** Ah, é verdade. Mas depois que passar os cem anos ela vai morrer também né? Mas ela vive mais que a gente.

**R:** É. Esse é o círculo da vida.

**L:** É verdade. A sua mãe falou isso pra você? Como você sabe disso?

**R:** Eu sou muito gênio da matemática e consigo imaginar as coisas só com a mente.

[L. e R. terminam resolvendo contas e conversando sobre assuntos amenos.]